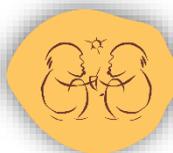
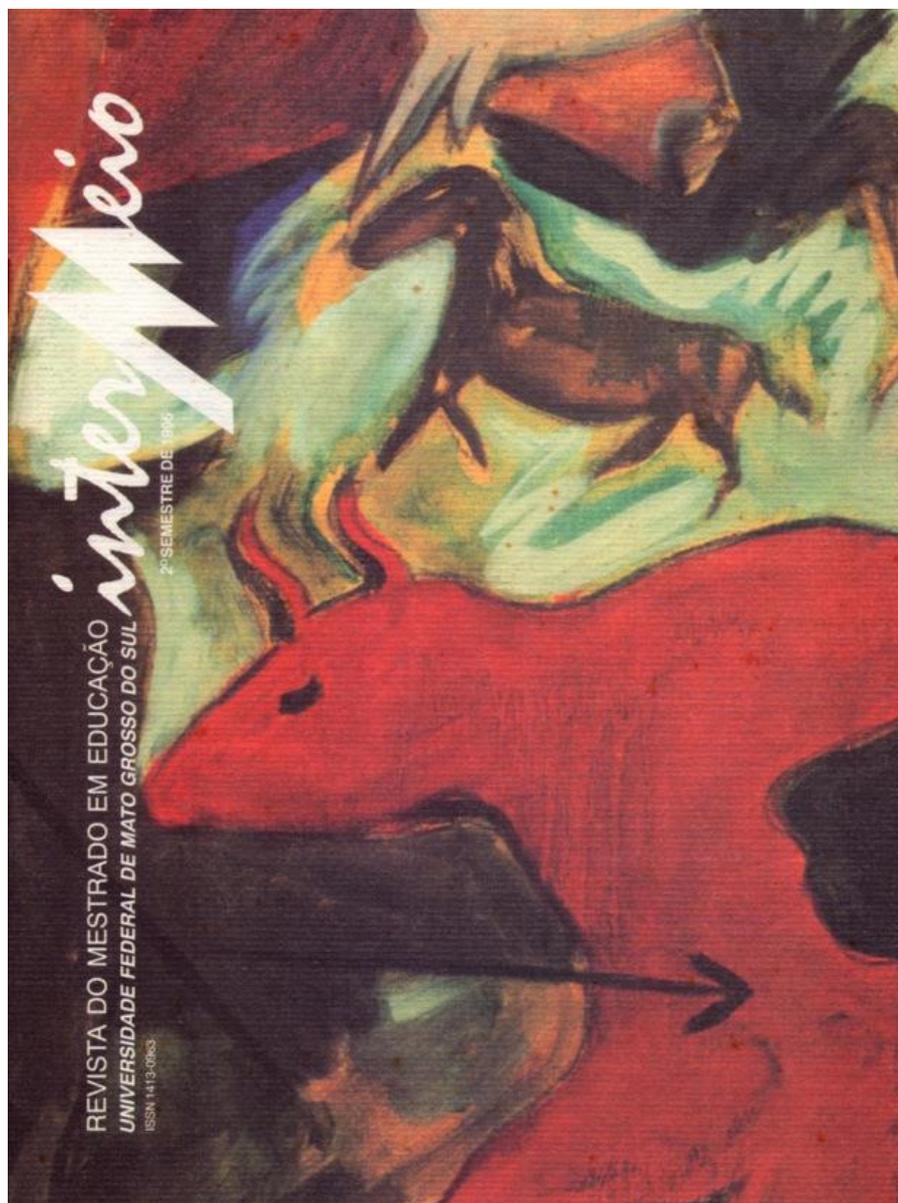
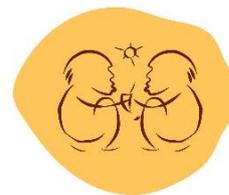


Intermeio

Campo Grande, MS, v. 1, n. 2, 1995
(Capa).



Gilberto Luiz Alves
INSTITUTO CULTURAL

<https://icgilbertoluizalves.com.br>

¹ Doutor em História pela UNESP, campus de Assis. Professor aposentado da Universidade Federal de São Carlos-UFSCar.

desCartes

Breves
Considerações
Sobre a
Filosofia
de

Procuro mostrar, nestas breves considerações sobre a filosofia de Descartes, que existe uma outra forma de estudar os filósofos, diferente daquela que usam os filósofos de profissão.

Tento mostrar que o cartesianismo, assim como todos os sistemas filosóficos que o precederam, é fruto de determinadas circunstâncias históricas, e que sem o entendimento destas mesmas circunstâncias ele se torna uma coisa vazia de sentido.

No nosso entendimento, Descartes participa da luta pelo surgimento do mundo moderno, e é esta luta que torna o seu sistema inteligível. Se retiramos este fundamento, a sua filosofia não passa de puras palavras.

Palavras-chave: História
- Luta - Mundo Moderno



In these brief considerations on Descartes philosophy, I have tried to show that there exists another form of studying philosopher, quite different from the one used by professional philosophers.

I attempt to show that Cartesianism, just like all the other philosophical systems that preceded it, is the fruit of determinate historical circumstances, and that without an understanding of these circumstances, it turns into something that's meaningless.

As far as our understanding goes, Descartes participated in the struggle for the emergence of the modern world, and it is this struggle that turns his system intelligible. If we remove this foundation, his philosophy turns out to be nothing more than mere words.

Keywords: History - Struggle - Modern Word

Pedro de Alcântara Figueira
Doutor em História pela UNESP/Assis,
professor visitante da UFMS.

F

alando sobre a divisão do trabalho, Adam Smith afirma uma coisa surpreendente sobre o filósofo. Contra-

riamente ao que muita gente pensava em sua época, e curiosamente continua pensando em nossos dias, o filósofo é muito mais produto das circunstâncias sociais, ou da divisão do trabalho, do que de atributos inatos. Para que não reste qualquer dúvida sobre o seu pensamento a respeito da divisão do trabalho, Adam Smith coloca, um ao lado do outro, um carregador e um filósofo, e diz que ambos, iguais por nascimento, só virão a ser tais por efeito da divisão do trabalho.

Também Aristóteles disse algo muito semelhante ao falar do nascimento da matemática entre os egípcios. A produção do “ócio” era, para Aristóteles, condição do aparecimento das ciências. É evidente que é preciso ver aí muito mais do que uma questão pessoal deste ou daquele pensador, tomado isoladamente. O caráter social da questão vem em primeiro lugar. Aliás, ninguém tem o direito de pensar algo diferente de quem, como Aristóteles, definiu o homem como um animal social. Por definição incontestável, o filósofo é um homem.

Pode parecer desnecessário e até causar surpresa que alguém venha, vinte e cinco séculos depois de Aristóteles e quase dois séculos e meio depois de Adam Smith, lembrar tais coisas. O que é curioso, neste particular, é que estivemos um século inteiro sob o império de uma concepção que não fez senão reafirmar o caráter social e histórico de todas as coisas relacionadas com o homem, e, no entanto, nos encontramos numa situação de quase completo obscurantismo quando se trata deste produto humano que são as concepções teóricas. Reina verdadeiro caos quando o assunto são as idéias.

Gostaríamos de evocar mais uma vez o nome de Aristóteles para iniciar essas nossas considerações sobre Descartes. “Mas apesar de tais afirmações serem de certo modo convincentes, a verdade, diz ele, em assuntos de ordem prática é percebida através dos fatos da vida, pois estes são a prova decisiva. Devemos então, continua ele, examinar o que já dissemos, submetendo nossas conclusões à prova dos fatos da vida; se elas se harmonizarem com os fatos devemos aceitá-las, mas se colidirem com eles devemos imaginar que elas são meras teorias”.

Gostaríamos de iniciar justamente dizendo que o cartesianismo pode ser submetido à prova da vida e que desta prova não se verificará que ele, no sentido aristotélico, é uma “mera teoria”.

Para que cheguemos, no entanto, a este resultado no que se refere ao cartesianismo, é preciso não perder de vista como os profissionais da filosofia o interpretam.

Uma advertência se faz necessária: nós só seremos capazes de concluir que o cartesianismo tem as suas raízes profundamente mergulhadas nas lutas sociais da sua época se excluirmos de nosso horizonte todas, ou quase todas, as interpretações a que ele foi submetido ao longo desses séculos, sem exceção sequer aquelas de alguns dos seus adeptos mais próximos. Quem nos adverte a este respeito não é outro senão o próprio Descartes ao dizer, em carta a Elisabeth, de março de 1647, o seguinte: “Não deixaria de levar amanhã a Mademoiselle P. S. um exemplar do seu livro, cujo título é *Henrici Regi Fundamenta Physices*, com um livrinho de meu amigo Hogelande, que fez exatamente o contrário de

Regius, pois Regius não escreveu nada que não tenha sido tomado de mim, mas que, mesmo assim, não seja contra mim, enquanto que o outro não escreveu nada que tenha sido propriamente tomado de mim (pois não creio de modo nenhum que ele tenha lido bem, algum dia, os meus escritos), e, não obstante isto, ele não tem nada que não seja meu, pois ele seguiu os mesmos princípios”.

Espinosa, em seus *Princípios da Filosofia de Descartes*, chama a nossa atenção para algo muito semelhante ao que Descartes expressa nesta passa-

gem que acabamos de citar. Ele diz:

“Muitos daqueles que, levados por um cego entusiasmo, ou influenciados por alguém, se alistaram sob a bandeira de Descartes, apenas conservaram suas opiniões e seus ensinamentos, mas, quando os discutimos, não sabem fazer outra coisa senão tagarelar sobre ele, e nada conseguem demonstrar, como se fazia outrora, e ainda hoje, com os peripatéticos”. (*Les Principes de la philosophie de Descartes, Oeuvres Complètes, Pléiade*, p. 149/150).

Nossa divergência com relação aos adeptos



*Descartes participa da luta pela
urgência do mundo moderno, e é
esta luta que torna o seu sistema
inteligível.*

de Descartes, os de ontem e os de hoje, tem a ver precisamente com aquilo que se deve entender como sendo os princípios cartesianos propriamente ditos. Como não poderia deixar de ser, esses princípios estão presentes na obra de Descartes de uma maneira muito clara e são expressos de um modo que não deixa qualquer dúvida sobre os seus propósitos de fundar uma nova concepção em tudo e por tudo diversa daquela que ensinava a Escolástica. Até aí tem ido a maior parte dos adeptos e dos comentaristas. Mas isto é insuficiente para caracterizar as idéias de Descartes.

Morin, por exemplo, um dos seguidores de Descartes, queria que este desse respostas e soluções a todas as dificuldades filosóficas que a Escolástica não conseguia dar. Ele não entendia que a tarefa de Descartes consistia em criar uma nova ordem para as idéias. É o próprio Descartes quem rechaça o empreendimento que Morin lhe atribuía ao dizer que não lhe cabia examinar cada opinião em particular, "o que seria um trabalho infinito". Ele não faz tal coisa porque o seu "método" tem outros objetivos: "mas, como a ruína dos fundamentos leva necessariamente consigo todo o resto do edifício, atacarei, antes de tudo, os princípios sobre os quais estavam apoiadas todas as minhas antigas opiniões". (Méditations, Garnier-Flammariion, p. 69/71).

Descartes quer, portanto, demolir o antigo edifício teórico que o mundo feudal tinha criado e que, agora, se apresentava como algo "vão e inútil". Onde buscar outros fundamentos senão no próprio mundo? É o que Descartes decide fazer. Com este propósito ele estabelece o seu programa teórico e submete-se à única "prova decisiva", à vida. Ele formula, assim, o seu projeto:

"Tendo tomado a resolução de não procurar mais outra ciência senão aquela que poderia ser encontrada em mim mesmo, ou, então, no grande livro do mundo..."

Onde ir buscar os fundamentos de uma ciência

diferente da Escolástica? Eis como Descartes diz o que é o seu "grande livro do mundo":

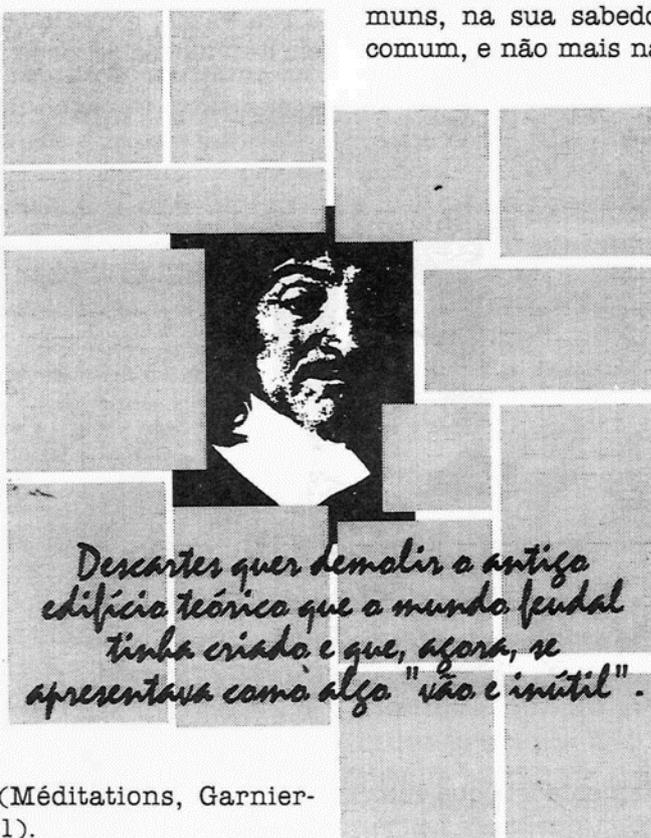
"Pois me parecia que eu poderia encontrar muito mais verdade nas reflexões que cada um faz a respeito dos negócios que lhe interessam, os quais, quando mal calculados, lhe trazem uma imediata punição, do que naquelas que faz um homem de letras em seu gabinete e que não são senão especulações que não produzem qualquer resultado, ou não trazem qualquer outra consequência senão fazê-lo tanto mais vaidoso quanto mais estiverem elas distantes do senso-comum, porquanto ele terá que empregar muito mais artifício e engenho para procurar torná-las verossímeis".

Por que ir buscar a ciência no dia-a-dia dos interesses comuns de homens igualmente comuns, na sua sabedoria, ou seja, no senso comum, e não mais nas reflexões de "gabinete"?

Descartes condena claramente o que se distancia do senso comum. Mas o que é o senso comum? Nossa resposta é: o senso comum é a expressão dos novos interesses, do mundo novo que surge e que se opõe a tudo o que ainda subsiste do mundo feudal.

Descartes traça, assim, o seu caminho. O seu método se estrutura a partir da nova ordem de coisas. Para que isto aconteça, ele tem que ser uma crítica impiedosa dos princípios da filosofia que a Igreja criou. Sua explicação das ações humanas não pode ter como ponto

de partida o que até então prevalecera. Às distinções sociais, Descartes responde com o homem comum, com um homem que é igual a outro qualquer e que, por isso, pode pensar também igual a qualquer outro. Isto é o bom senso, ou a razão. A razão sobre a qual Descartes funda o seu sistema é a razão deste homem que é igual em toda parte. Erigir um outro homem em fundamento da filosofia é o mesmo que encontrar uma concepção que expresse a época histórica que está nascendo. Os anseios e os interesses desta nova época imprimem nas idéias uma disposição diferen-



Descartes quer demolir o antigo edifício teórico que o mundo feudal tinha criado e que, agora, se apresentava como algo "vão e inútil".

te da que prevalecera durante a Idade Média. Este é propriamente o fundamento do método de Descartes. Ele nasce da revolta contra a incapacidade do mundo feudal de gerar ações criativas e produtivas e da necessidade de se procurar novos fundamentos para a vida. Descartes impõe-se a si mesmo critérios de vida que são nitidamente um rompimento com os ideais de vida medievais. O Discurso do Método tem, por isso, certos elementos de uma auto-biografia didática, pois Descartes tem em vista ensinar um novo método de se viver. Neste "discurso" tudo tem que se ordenar de um modo diferente daquele que se ordenava segundo os critérios da Escolástica. Neste sentido, o Discurso do Método é uma completa inovação. O seu argumento principal é a palavra de ordem da nova sociedade, a qual consiste em propor a demolição do velho edifício e a criação de uma nova ordem social. Seu ponto de partida é ensinar como combater tudo o que ainda representa a feudalidade, e é por isso que ele propõe um novo modo de vida. Se eliminarmos este elemento da concepção cartesiana, ela se torna algo ininteligível. É precisamente isto que já dizia Descartes a respeito das várias manifestações de adesão que ele recebera ao longo de sua vida. É exatamente isto que quer dizer Espinosa na passagem que mais acima citamos.

São muitos os estragos consumados contra o cartesianismo ao longo de todos estes séculos desde a publicação do Discurso do Método. Eles são, em nossos dias, perpetrados sobretudo por aqueles que se dizem especialistas em Descartes. Estes são os primeiros a abstrair do cartesianismo o seu caráter de luta contra tudo o que a feudalidade significava.

Tomemos dois aspectos dos destroços a que os especialistas reduziram o cartesianismo. São eles a "razão" e a "dúvida".

Dizem os especialistas que Descartes inaugurou a época do racionalismo na filosofia. Isto

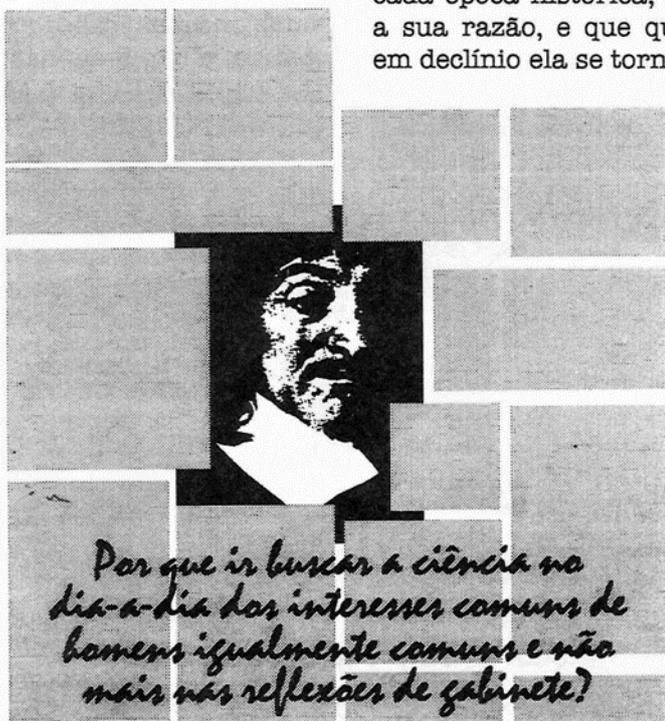
não tem qualquer fundamento. A razão jamais abandonou os homens em qualquer momento da história. Não há nem mais nem menos razão em Santo Agostinho, Tomás de Aquino do que em Bacon ou Descartes. A fé não contraria a razão. Ela é, apenas, a razão própria de uma determinada época. Há mais racionalidade - no sentido que os especialistas em filosofia dão ao termo - em Tomás de Aquino do que em Descartes. O deus de Tomás de Aquino é uma pura criação da razão. Mas o que importa, na verdade, é entender que a razão cartesiana, assim como a razão contida na concepção de Galileu ou de Bacon, é a razão da sua época. E, neste sentido, ela não é a mesma que a de Aristóteles, Santo Agostinho ou Tomás de Aquino. Importa saber que cada época histórica, que cada sociedade tem a sua razão, e que quando uma época entra em declínio ela se torna uma sem-razão. Frente,

portanto, ao cartesianismo, a Escolástica aparecia - e de fato tinha se tornado - um puro irracionalismo. Isto se dera porque as classes sociais que compunham o mundo feudal agora tinham perdido a sua razão de ser.

Sobre a dúvida cartesiana não temos algo muito diferente para dizer a seu respeito senão o que acabamos de dizer da razão. "Dúvida" em si, só a dos céticos. Mas esta não levava a nada, pois quem arma um raciocínio que torna válido suspeitar até da própria existência, não merece ser levado

do a sério. Descartes, aliás, teve sempre a preocupação de distinguir a sua dúvida da dúvida dos céticos: "...extirpava, contudo, todos os erros que anteriormente puderam se insinuar no meu espírito. Não que, com isto, eu imitasse os céticos... (Deuvres, Pléiade, p. 145).

Como é possível aos especialistas explicar, sem admitir que o cartesianismo nasce do confronto de duas civilizações, o que significa em Descartes duvidar até mesmo da existência do mundo das coisas? O que de fato Descartes faz ao duvidar da existência das "coisas mate-



riais” não é senão negar o modo como o mundo feudal dava existência ao mundo material. É notável, neste ponto, a astúcia de Descartes ao criar um “Novo Mundo”. Criando um mundo material em tudo diferente do mundo criado pela feudalidade, e agora transformado pela Escolástica em uma pura abstração, Descartes não faz senão imprimir ao mundo a feição dos “homens comuns”. Feito isso, ele pode, de novo, admitir a existência das coisas materiais, pois, agora, elas não são mais o que eram, mas serão aquilo que o novo mundo, desta vez o dos homens, nelas imprimir. No “resumo” com que Descartes apresenta as suas seis meditações, ao dizer o que contém a primeira, ele não faz senão explicar o significado da sua “dúvida”:

“Na primeira (meditação), eu exponho as razões pelas quais podemos duvidar em geral de todas as coisas, e, particularmente, das coisas materiais, pelo menos enquanto não tivermos outros fundamentos para as ciências que não sejam aqueles que tivemos até o presente. Ora, conquanto a utilidade de uma dúvida tão geral não seja percebida imediatamente, ela é, contudo, neste caso, tão grande que ela nos livra de toda espécie de preconceitos e nos prepara um caminho muito fácil para que nosso espírito se acostume a se desligar dos sentidos, e, finalmente, elimina a possibilidade de termos qualquer dúvida a respeito daquilo que, depois, viermos a descobrir ser verdadeiro”. (Méditations, Garnier-Flammarion, p. 61)

Em suma, a dúvida cartesiana atinge o coração mesmo das instituições feudais ao pôr em causa a verdade milenar com a qual a Igreja católica tinha sustentado a sua existência.

É melancólico o que aconteceu com Descartes nas mãos dos especialistas. Podemos afirmar, sem o risco de estarmos cometendo uma injustiça, que as centenas de estudiosos de Descartes existentes no mundo inteiro se dedicam à tarefa de não deixar qualquer vestígio daquilo que significou o motivo principal

da existência do cartesianismo, ou os seus princípios. Não há em todos eles referências claras ao que significou a sua luta contra a Escolástica. Foi esta a razão mesma de ser do cartesianismo; foi ela que lhe deu forma e que ordenou as suas idéias. Idéias que são verdadeira arma de luta. Descartes refere-se em suas obras às “batalhas” que teve que travar e à “guerra” que tinha que ser ganha. É o combate contra a feudalidade que transmite um incontível entusiasmo à toda a obra de Descartes. Ele lhe dá vida, forma, explica os seus avanços e os seus recuos, dá sentido à coragem e à covardia de Descartes. Se excluirmos do cartesianismo a luta que ele encarnou, os combates que ele travou, não restarão senão vãs e inúteis palavras. Descartes se empenhou a fundo em mostrar a inutilidade da filosofia dos doutos e quis fundar uma ciência que tivesse como marca principal a utilidade

das suas idéias para toda a humanidade. Descartes é o filósofo da sua época. Quero dizer com isto que sem a sua época nós não conseguimos entendê-lo suficientemente. Mais do que isso, o cartesianismo é a expressão de uma época marcada pelo embate entre duas civilizações. Ele está do lado da civilização que está nascendo. A Escolástica está do lado da civilização que está perecendo. No entanto, nenhuma civilização morre de morte natural, mas de morte provocada. Por outro lado, nenhuma nova civilização nasce sem

que muitos entrem na luta para fazê-la tomar forma e conteúdo. A luta teórica é, neste sentido, luta de vida ou morte. Mas, por isso mesmo, ela é a ciência social desse momento. É assim, aliás, que Descartes classifica a sua Física, de ciência social. E não poderia ser de outra forma, pois é de um novo homem que Descartes está tratando quando ele funda uma nova ordem para as idéias. Esta nova ordem é dada pelo entendimento de que o mundo dos homens está criando novas necessidades e de que elas precisam ser atendidas de um modo diferente daquele que prevalecera até então.



*Os anseios e os interesses da época
histórica que está nascendo
imprimem nas idéias uma disposição
diferente.*

Descartes escreve o seu “método” pretendendo com ele congregar forças na luta pela construção de uma nova ordem entre os homens. O Discurso do Método é o seu manifesto. O caminho, ou o método, se constrói na luta. O método de Descartes é diferente do método da Escolástica porque a esta corresponde um modo de vida que está em ruínas enquanto àquele correspondem laços sociais que dão vida nova às relações entre os homens. Descartes é um homem da sua época, e é enquanto tal que ele encarna a luta entre duas civilizações, a feudal e a burguesa, e é enquanto tal que ele se torna filósofo. É por esta razão que ele procura, o tempo todo, se desvencilhar do termo filosofia pois que este estava inteiramente comprometido com as idéias da escolástica, com a visão que esta dava de Aristóteles e de todo o pensamento antigo.

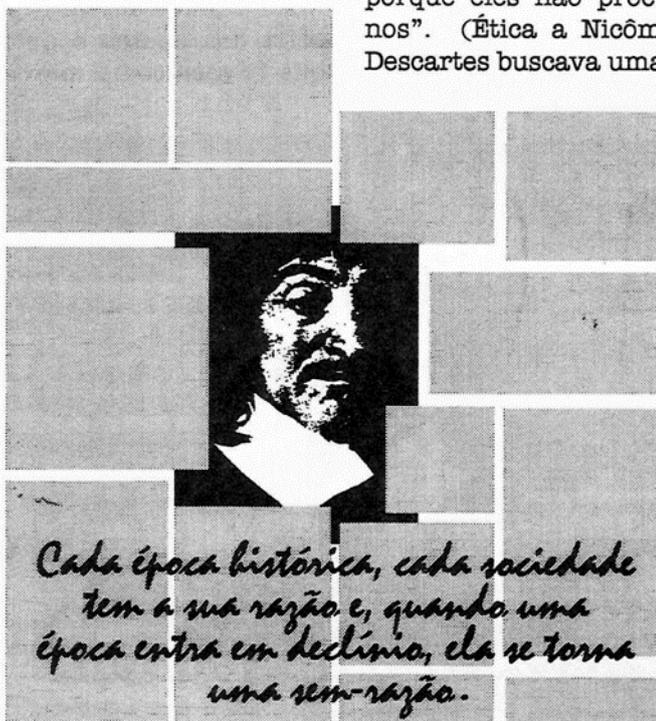
O método de Descartes consiste sobretudo em fazer tábula rasa de tudo o que a Antiguidade e a Idade Média tinham produzido. Contrária completamente o seu método tentar achar qualquer vinculação entre a sua filosofia e os pensadores anteriores. É, ao contrário, do rompimento radical com estes que nasce o cartesianismo. Neste sentido Descartes e Bacon são duas versões - diferentes porque Inglaterra e França têm desenvolvimentos também diferentes - de um mesmo fenômeno histórico.

É muito difícil entender as idéias de Descartes se não tivermos suficiente clareza sobre o que ele denomina de “utilidade”. Por entender precisamente que a utilidade permite dizer o que as coisas são é que Descartes afirma: “... e que conhecemos normalmente por meio deles (dos sentidos) aquilo em que os corpos exteriores podem nos ser úteis (profiger) ou prejudicar, mas não o que é a natureza deles, a não ser raramente e por acaso”. (Principes, 2ª parte, art. 3). Em carta a Morus, de 5 de fevereiro de 1649, ele reafirma a mesma questão, ao dizer: “Com

feito, conquanto nossos sentidos nem sempre nos mostrem os corpos exteriores tais como são de fato, mas somente na medida em que eles nos interessam e podem nos ser úteis ou prejudiciais”. Também neste sentido, a semelhança entre Descartes e Bacon é completa. Bacon é, a este respeito, ainda mais categórico quando afirma: “Portanto, verdade e utilidade são, aqui, uma e a mesma coisa: e as próprias ações (works) têm maior valor como garantia da verdade do que podem contribuir para o bem-estar”. (Novum Organum, I, 124). Nesta mesma linha, Aristóteles disse algo muito semelhante quando ele marcou a diferença entre a sua filosofia e a dos antigos: “Anaxágoras e Tales conheciam coisas extraordinárias, maravilhosas, difíceis e até divinas, mas inúteis, porque eles não procuravam os bens humanos”. (Ética a Nicômacos, p. 119, 1141 a). Descartes buscava uma ciência útil; Bacon clas-

sificou a sua ciência de ativa. Útil e ativa são, aqui, sinônimos perfeitos. É nestes termos que se encontra, em grande medida, a chave para se entender as idéias dessa época histórica. O que ocorre, então, é que, frente à crescente onda de novas necessidades que surgem todos os dias e que colocam um desafio inusitado para os sábios, a Escolástica, em nome da feudalidade, responde com velhas formas ou com fórmulas inventadas e artificiais, apartadas dos “fatos da vida”. Elas deixaram de corresponder às novas atividades que sur-

gem, e, portanto, perderam a sua utilidade. Diante deste quadro de morte, que atingiu a Espanha mais do que a qualquer outra nação da época, e que se imortalizou na triste figura de Dom Quixote, era preciso lançar a palavra de ordem da utilidade das ações humanas e das idéias como princípio de vida. Não bastava ter idéias e pensar, ser sábio ou não, mas era urgentemente vital dar soluções práticas aos novos reclamos postos por novas necessidades até então desconhecidas. Às grandes transformações sociais de então corresponde a exigência de imprimir movimentos novos a



todas as coisas. A velha carcaça social rui a qualquer novo esforço. Os homens não têm mais ouvido para o que “a musa antiga canta”. Seu canto virou cantilena. É útil e ativo, portanto, o que corresponde aos novos empreendimentos. A filosofia de Descartes e Bacon é a contrapartida teórica das necessidades postas pelas Grandes Navegações, pela expansão das novas forças sociais, pelo esforço europeu de colonizar a América, de “arredondar a Terra”fazendo circular a mercancia por todo o orbe terrestre. Os Descartes e Bacons estão espalhados por toda a Europa. Camões lança o seu grito de guerra a partir de Portugal contra a experiência que dizia que só era possível navegar à vista do litoral ou que os Mares estavam povoados de monstros. Giordano Bruno, queimado em 1600 pela Inquisição, contraria as Sagradas Escrituras e toda a sabedoria da Igreja. Galileu, contemporâneo de Bacon e Descartes, põe a Terra a girar como pedia insistentemente o Mercado Mundial criado com as Navegações intercontinentais. Francisco Sánchez, este espanhol endiabrado, faz, em 1576, vinte anos, portanto, antes do nascimento de Descartes, perguntas muito incômodas aos escolásticos. A Espanha não pode ter as respostas que a Inglaterra e a França dão às dúvidas de Sánchez. Já antes, no século XV, Pico de la Mirandola tinha feito a grande descoberta de nossa época, ou seja, a de que à nova época que surgia correspondia um outro homem, um homem que era, ele próprio, artífice da sua natureza. O mundo feudal não podia, mesmo, resistir a tantos assaltos vindos de toda parte.

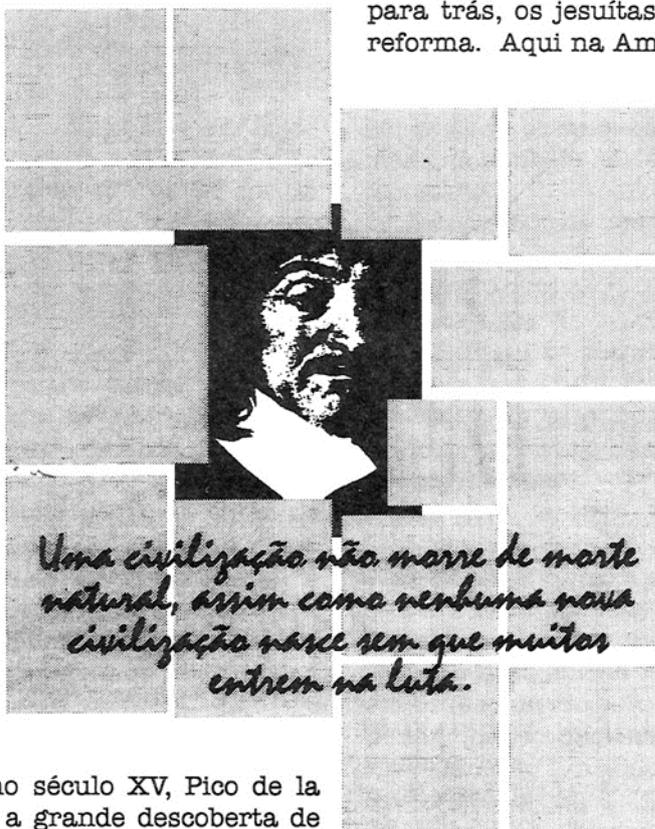
Quando Descartes levanta a bandeira da total independência e liberdade de pensar própria das novas circunstâncias históricas, a Europa já tinha percorrido um século de rebeldia contra as instituições feudais. O século XVI foi marcado por derrotas e significativas vitórias frente àquelas instituições. Espanha e Portugal, como diria mais tarde Adam Smith,

tinham derrotado o feudalismo mas não tinham criado nada de novo. A decadência da Espanha, entregue às “tristes figuras”, é algo sombrio. A Portugal, apesar da luta encarniçada de Vieira e de tantos outros, não coube um destino muito diferente. Entre o trágico e o melancólico, Espanha e Portugal vão vegetar no século XVII.

Tudo isto contrasta profundamente com a vitalidade de um outro mundo de que fazem parte a Inglaterra, a Holanda, a França, e a que se pode acrescentar também o Novo Mundo, a América. A descoberta do Novo Mundo é um dos golpes mais decisivos sofridos pela feudalidade. Aqui não há lugar nem para servos, nem para aristocratas, nem para a Escolástica. Vieira e Antonil, jesuítas, são um exemplo disso. Na Europa que vai ficando para trás, os jesuítas se afirmam na contra-reforma. Aqui na América muitos deles são a vanguarda do novo mundo.

O cartesianismo se nutre da luta da nova contra a velha Europa. Não é sem razão que a Descartes se ligam aquelas forças que anseiam por fundar a existência em novas bases. São forças que repudiam todos os velhos caminhos trilhados pela antiga sociedade e exaltados pela filosofia escolástica. Todos os cânones estabelecidos por ela são passados em revista e abandonados como inúteis e imprestáveis. Como expressão de tudo isto, o cartesianismo procura encontrar

uma filosofia que se funde numa vida ativa e útil. Justamente por isso ele se constituirá como uma crítica impiedosa à Escolástica, pois esta se fundava precisamente num modo de vida que desprezava a atividade e a utilidade das coisas. Não é preciso fazer muito esforço para entender que esta forma de vida estava em plena decadência. Ao decretar a inutilidade da persistência em se fazer o que se fazia, Descartes inaugura, com o nome de utilidade, um novo modo de se construir a vida. É este o seu método, é isto que ele propõe em suas obras.



Uma civilização não morre de morte natural, assim como nenhuma nova civilização nasce sem que muitas entrem na luta.